

O DESENGANO DO MUNDO,

O U

M O R T E

D E

B U O N A P A R T E,

*Encontrando este na eternidade hum
rancho de Corcundas,*

*A que se ajuntão tres Sonetos feitos
das extinctas Legiões*

P O R

JOSÉ DANIEL RODRIGUES
D A C O S T A.



L I S B O A.

Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

CUrioso Leitor : Dizem algumas pessoas que ajusta bem em huma obra desta natureza o ditado Italiano : *Si nó e vero , e ben'trovato*. O que devemos acreditar he que além do premio eterno , a unica satisfação que tem quem parte desta vida , he a boa reputação , em que deixa no Mundo a memoria do seu nome.

Não ha cousa mais triste que morrer odeado de todos , com a fama de cruel , de ambicioso , e de monstro nutrido na maior parte dos vicios ; porque sempre a posteridade lhe paga o tributo , que lhe deve com pragas , e maldições , como hoje succede em se ouvindo o detestavel nome de Buonaparte , pelos grandes estragos que fez no Mundo.

De

DE Buonaparte o espirito revolto,
Mal que se vê do corpo despedido,
Por entre escuras sombras vaga solto,
Sem q̄ encontre ninguém do seu partido:
Procura, na tristeza sempre envolto,
A parentella, que de cá tem hido;
E como não a encontra, e se vê só,
Em altos berros chama por Junot.

D I A L O G O

*Entre Napoleão, e Junot na outra
vida.*

Napoleão.

JUnot, Junot, onde estás?
Aqui tens Napoleão,
Hum desengano do mundo,
E da sua elevação!

Junot.

Que he isto, Senhor? aqui
Essa grande omnipotencia!
Sem generaes, sem soldados,
Sem estado, sem decencia!

* ii

Nap.

(4)

Nap.

Sim , Junot , aqui me vês ,
Porque isto ao mundo convinha.
De ninguem devo queixar-me ,
A culpa toda foi minha.

Jun.

Ora conte-me , Senhor ,
Essas scenas desgraçadas ;
Que ando ha muito tempo morto
Por dar quatro gargalhadas.

Nap.

Pois inda te queres rir
Desta minha infeliz sorte ?
Não lastimas meus desastres ,
Não sentes a minha morte ?

Jun.

Eu de vossa Magestade
He que a lição aprendia ;
Quando alguém se fuzilava ,
Via-lhe muita alegria.

Nap.

He verdade , mas então
Naquella guerreira lida
Dava muito pouco pezo
Ao que era perder a vida.

Jun.

(5)

Fun.

Pois, Senhor, tempo, e desgraças
São quem os homens ensinão;
Quanto mais revezes sentem,
Mais com a moral atinão.

Mas antes que principie
Seu lastimoso successo,
Para me ouvir certas cousas
A sua attenção lhe peço:

Vou muito offouto prégar-lhe,
Visto dar-me tão bom thema,
Principia o meu sermão
No seu errado systema.

Vou a dizer-lhe o que sinto,
Que eu sou á verdade affeito,
Sem que a sua sob'rania
Trate com menos respeito.

Inda que isto não he França,
He aquella Eternidade,
Onde acaba com a morte
Excellencia, e Magestade.

A igualdade persuadida
Aos Francezes com mil p'rigos,
Aqui he que se consegue,
Sem revoluções, sem castigos.

Nap.

(6)

Nap.

Conheço esse desengano ,
Este fim , esta mudança ;
Mas as Aguias , e as Abelhas
Não as perco da lembrança.

Fun.

E qual he o Imperador ,
Que ter dominio cobiça ,
Onde o sangue dos vassallos
Corre pedindo justiça ?

Agora vou recordar-lhe
Lances ; em que me metteo ,
Que a lição de hum pai letrado
Foi quem muito me valeo.

Individuos lá da França
Ha pouco aqui tem chegado ,
Que me informarão de cousas ,
Que por lá se tem passado.

Tudo lhe vou pôr patente ,
Ouça me com attenção ,
Que a origem dos seus estragos
Veio da sua ambição.

Confesso que nos meus dias
Nunca vi homem assim ;
Fazia lá pelo mundo
Figura d'hum arlequim.

Achava-lhe propensão

(Não

(Não tome isto por desdouro)
Para campino , que leva
Manãdas ao matadouro.

Engolfado nas batalhas ,
Quando andava tão maluco ,
Porque não trouxe á memoria
Essa Estatua de Nabuco ?

Andou Vossa Magestade
Com toda a Europa ás guedelhas ,
E o Irmão José na Hespanha
Posto a despejar botelhas !

Essa cabeça , Senhor ,
Mostrou bem em taes fadigas
Que , em lugar de ter miolos ,
Era cheia de lombrigas.

Ora diga , foi bonito ,
Acha que ficou airoso
Em mandar a Portugal
Hum exercito bichoso ?

Debaixo de boa fé
Promettendo protecções ,
Encaixar n'hum Reino amigo
Hum corja de ladrões ?

Mandar-me com essa praga
Demendigos arrastados ,
Que andavão de rua em rua ,
De susto meios finados ?

Que

Que até dormião vestidos
Sobre as mochilas de pelles,
Em quanto os bons Portuguezes
Hião tasquinhando nelles?

Até sendo-me preciso
Andar mil fósocas fazendo,
Indo, e vindo a mesma gente,
Gente nova parecendo?

O que mais me fez pasmar
Foi que da rua os rapazes
Descobrissem este engano,
Que de tudo são capazes!

Quando eu fazia a Lisboa
De vantagens persuasões,
Mandou Vossa Magestade
Pedir quarenta milhões.

Dispuz-me a ir ao Rocio,
Fiz pulpito do cavallo,
Préguei, accionando muito,
Mas isto não fez aballo;

Porque, apezar dos exforços
Dos meus arrogantes gritos,
Os valentes Portuguezes
Nunca ficarão contritos.

Mandei vasar na cisterna
Do castello mil barris,
Para intimidar o Povo,

Mas

Mas com isto nada fiz.

Que a cisterna estava rôta
Eu muito bem o sabia ;
Mas embutir o terror
Por este modo queria.

Aquelle inutil castello ,
Que servio em outra idade ,
Hoje he hum forte inimigo ,
Que tem aquella Cidade.

Em prática se poz tudo ,
Quanto podia lembrar ;
O Lagard matando os cães ,
Eu á banca a decretar.

Mas quando abati de todo ,
Foi quando vi em defeza
Regimentos de rapazes
Com bandeira Portugueza :

Com armas de páos , e canas ,
Com militar disciplina ,
Huns agouros infalliveis
Da minha total ruina.

Nap.

E porque os não fuzilaste ?
Com muito pouco te assustas !

Jun.

Contentava-os com dinheiro ,
E assim lhes pagava as custas.

○

O heroismo Portuguez
Tendo por norte a razão,
Foi cuidando em pôr-me fóra
Com muita moderação.

Foi lá Massena: depois,
Co' a mais cáfila birbante,
Porém achou Portugal
No seu systema constante;

E depois que presumirão
Que alguém lhes hia nas ancas,
forão por montes, e valles
Esfaimados dando ás trancas.

Vossa Magestade vendo
De Massena a Surriada,
Virou-se lá para o Norte,
Lembrança bem desgraçada!

O chegar, ver, e vencer
Foi de hum General agudo;
Porém Vossa Magestade
Chegou, vio, e perdeu tudo.

Alliárão-se as Nações,
E tudo lhe foi a casa;
A passarola embolou-se,
E ficou ferida na aza,

Mas quando o Povo se vio
Livre do falsario engodo,
Saltou sobre a passarola,

E

E depenou-a de todo.

Vossa Magestade humilde
Poz-se a chorar de paixão,
Como faz huma criança,
Que tem medo do papão.

Fez huma cara mui feia,
Mais feia do que a que tinha,
Rogando que o não matassem,
Que estava posto na espinha.

Escolheo-se a Ilha de Elba,
Hum politico degredo,
Onde Vossa Magestade
Acabasse ou tarde, ou cedo,

Fôsse lá embora Rei
Qem sempre dar leis pretende,
Porque na terra dos cegos...
O ditado bem se entende.

Foi da Ilha dos Lagartos
Governador Sanchopança;
Vossa Magestade foi
Deste Heróe a semelhança.

Poz armas no seu cortiço,
Lá mesmo bateo moeda;
Mas com genio mechedor,
Chamando por maior quéda.

Quando me contárão tal,
Logo vi o precipicio,

Por-

Porque Vossa Magestade
Não cabe c' o beneficio.

Assim como hum cão de quinta
Aproveita a porta aberta,
Assim Vossa Magestade
Farejou, e poz-e á lerta.

Com verduras de rapaz
Sahio d'Elba quando quiz
A jogar a cabra céga
Thé á Corte de Paris.

Faltando á palavra de honra,
E a tudo quanto assignou;
Porém quem torto nasceo
Nunca mais se endireitou.

Lá notei a mansidão,
Com que partio para a Ilha;
Mas he porque se fiava
Nos agentes da quadrilha.

Que ridicula figura
Hum homem não vai fazer,
Quando intenta dominar
A Nação que não o quer?

Heróe forte, e valoroso
Nunca lhe pude chamar,
Nem lhe descobri mais prendas,
Do que illudir, e furtar.

Se ao campo dessas batalhas

Cha-

Chamava o campo da gloria ,
Porque na frente não hia
Gozar de eterna memoria.

Sempre teve amor á vida ,
E nenhum á vida alhêa ;
Mas ficava como aranha
Sempre mettido na têa.

Que vantagens conseguiu
Dessa batalha horrorosa ?
Expôr a gente da França
Fazia a França ditosa ?

E esperava que os vassallos
Lhe fossem muito obrigados ,
Entulhando-lhes os campos
De Francezes massacrados !

Eis o lucro que tirou
De tão céga obstinação ,
Perder a gente , e bagagem ,
E todo o seu estadão.

Quanto á caixa militar
Foi perda que em pouco topa ,
Que tal caixa sempre andava
Como andava a nossa roupa.

E queria , a todo o custo ,
Fazer , por força , o seu ninho
Dentro do Reino de França ?
He torte amor de sobrinho ?

Usou

Usou de outro estratagemas,
Que logo se conheceo,
Abdicar segunda vez
Throno, que nunca foi seo.

Se os Testadores fizessem
Testamento desse modo,
Podião deixar aos filhos
Por herança o mundo todo.

Ora pois tenho acabado
Tudo quanto me disserão:
Vossa Magestade agora
Conte o mais que lhe fizerão.

Nap.

Amigo, na confusão
De huma perda tão inteira,
Puz-me de óculo nos altos
A ver desmanchar a feira.

E quando estava traçando
Novos planos de defeza,
A rogos do inquieto Povo
Foi estã figura preza.

Logo no dia seguinte
Foi-me arbitrado o castigo;
Não tive outro granadeiro,
Que me salvasse do p'rigo.

Jun.

Ha muito que eu lhe esperava

A

A merecida remessa ;
Devia pezar-se a cêra
Se o deixárão com cabeça.

Nap.

Na Ilha de Santa Hellena
Fui com cautella mettido ,
Degrado , vigiado ,
Mas de tudo soccorrido.

Então botei as medidas
A fim de poder fugir ;
Mas baldei as diligencias ,
Nunca o pude conseguir,
Vendo-me assim açaimado ,
Para não desesperar ,
Foi que tomei por systema
Ler , dormir , e passear.

Eu que extensa duração
Na minha mente pintava ,
Que da massa dos mais homens
Não ser formado julgava :

Quiz a minha natureza
Desenganar-me n'hum dia
Das illusões , que accommettem
Nossa vaga fantasia.

Foi meu fysico finando ,
Fim , que a todos intimida ,
E n'hum chaga d'entranha

Ter-

Terminou a minha vida.

Se quando se deixa o berço ,
Graduar-se o homem procura ,
Nunca perca da lembrança ,
Que o espera a sepultura.

De que serve ganhar Thronos ,
Estranhos Povos render ,
Incensos , adulações ,
Se tudo acaba em morrer !

Dei cabo de tantos entes ,
O mundo desordenei ,
Elevei-me nas grandezas ,
E nunca me analysei.

Ententei ser grande cousa ,
Risquei mal a mascarada ,
Fiquei de todo banido ,
Fiquei reduzido a nada.

Eis , meu Junot , em que veio
A parar tal Sob'rania ,
Respeitado tantos annos ,
Para me abater n'hum dia.

Fun.

Pois vem para cá prégar ,
Doutrina , que não seguio ,
Agora depois de morto
He que a moral lhe acodio !

Ora

Ora metta o caso a bulha,
Deixe-se de prégações,
Com isso não satisfaz
A tantas restituições.

Durma no ponto, bem vê
Que este Reino he de lethargos,
Cada ossinho do seu corpo
Tem vinte milhões de encargos.

Fallemos com liberdade,
Porque nesta escuridão
Dão fim todas as grandezas,
Respeitos, e adulação.

Todos os tyrannos juntos,
Que as geraes Historias trazem,
Apezar de serem tantos,
Hum Buonaparte não fazem.

Nap.

Ora o mundo bem podia
Tratar-me amigavelmente,
Pois lhe fiz o beneficio
De lhe extinguir tanta gente.

Isto mesmo que eu fazia,
Fazia-o por caridade,
Porque os que ficassem vivos,
Ficassem mais á vontade.

Jun.

Fun.

Não falle com ironia ,
Tal caridade foi manha ,
Nascida de orgulho , e odio ,
Ambição , e má entranha.

Quando se pilha hum ladrão ,
De mais a mais matador ,
Não vai em alto supplicio
Servir de espelho , e terror ?

Não tem Vossa Magestade
Furtado no ultimo ponto ?

Não perpetrrou tantos crimes ,
Não tirou vidas sem conto ?

Tanta gente em desarranjo ,
Tantas familias perdidas ,
Muitos vivendo nos montes ,
Extinctas tantas mil vidas.

Tudo posto a ferro , e fogo ,
Cidades arruinadas ,
Os campos com muribundos ,
As casas desabitadas.

Crianças nos berços mortas ,
Perseguidas as donzellas ,
Espingardas acestadas
Contra as portas , e janellas.

O mesmo Papa foi prezo,
Os Conventos insultados,
Os Sacerdotes fugidos,
Os Altares profanados.

Despedaçados os tumulos,
Nem no silencio escapavão
Aos indomitos Francezes,
Porque tudo ambicionavão.

Não foi Vossa Magestade
Causa destas tyrannias?
Dando a Portugal, e Hespanha
Tão amargurados dias?

O premio vem receber
Da sua grande clemencia,
Visto que lá pelo mundo
Victimou tanta innocencia.

Nap.

Agora he que bem alcanço
Que fui no mundo huma fera;
Quem não tivera nascido,
Que tal fim não recebêra!

Jun.

Demos pois por acabada
A conversação que temos;
Gyre nessa escura noite,
Até que nos encontremos.

Andou o espirito Córso
No immenso cãos vagando,
Vio hum rancho de Corcundas,
Que a elle se hia chegando;
Pois inda que erão só sombras,
Que de cá se despedirão,
Tinhão a mesma figura,
Com que da fôrma sahirão.

Pasmado o Córso de ver
Aquellas boas alminhas,
Perguntou-lhes: donde vem
Os senhores Corcundinhas?

Hum prompto lhe respondeo:
Nós vimos de Portugal,
Arrebatados da morte,
Que a todos he natural.

A Nação adoptou Córtes,
Vai por lá muita mudança;
E dizem os Liberaes
Que com muita segurança.

Todos, com grande prazer,
Abraçarão tal partido,
Sem crueldades, sem sangue,
Sem bulhas, sem alarido.

O mesmo Augusto Monarca ,
Que razão em tudo achou ,
Com a maior alegria
A Constituição jurou.

Mas hum pequeno partido ,
que de nós era composto ,
Sem distinguir bem de mal ,
Não levamos isso em gosto.

Huns na vinda do Encuberto
Crédulos , esperançados ;
Outros no systema antigo ,
Illudidos , e afferrados.

Foi então que os Liberaes
Corcundas nos descobrião ;
E algumas tão volumosas ,
Que inda de longe se vião.

Verdade he que Portugal
Passou por calamidades ,
Tudo se via em miseria ,
Aldêas , Villas , Cidades.

Desde que o maldito Córso
Poz o mundo em confusão ,
Tudo ficou destruido ,
Que mettia compaixão.

O perfido Buonaparte,
Excommungado guerreiro,
Foi causa do nosso Rei
Ir ao Rio de Janeiro.

Levando neste conflicto
Toda a Familia Real,
Na virtuosa Mãe salvando
Huma Rainha immortal.

A ambição de Buonaparte
Fez tantas vidas perder;
Só pagava padecendo
Quanto aos mais fez padecer.

Monstro daquelle calibre
De tanta ronha no casco,
Ha muito tempo devia
Tomar o pezo ao carrasco.

Por onde quer que elle andar,
Sempre apoquentado seja,
Como perseguido o mundo,
Tão perseguido se veja.

O Côrso ouvindo o suffragio,
Que á sua alma se fazia,
Não quiz descobrir quem era,
Porque os Corcundas temia.

Não tinha alli Generaes ,
Nem as Tropas de cabrinhas ,
Andava feito hum boneco ,
Que se avista por sombrinhas .

E como pôde , esgueirou-se ,
De quanto ouvia , corrido ,
Foi-se occultando nas trévas
Para não ser conhecido .

Portuguezes , he de certo
O morrer Napoleão :

Já não mexe mais o mundo ,
Já não tem resurreição .

As façanhas dos Guerreiros ,
Do Sabio o profundo estudo ,
Os bens d'huns , os males d'outros ,
Nisto vem a parar tudo .

A

Hum

Hum Portuguez, e a Morte.

S O N E T O.

Port. **Q**uem levaste vilã mirrada morte?
Deste Mundo avesado a mil desgraças?

Mort. Foi hum conquistador que teve traças,
Sendo hum chochinha de campar por
(forte :

Port. Porque não o filaste lá no Norte?
A fim de lhe abater logo as fumaças?
Ou porque mais feliz nas tuas graças,
No Campo de S. Braz não teve o corte?*

Mort. Eu nos meus talhos sou muito segura
Minha foice fez sempre tudo em postas,
E levei quantos quiz á sepultura:

Port. Pois olha, se de hum bom petisco gostas,
Cahê sobre huns taes de pessima figura,
Huns taes que trazem a merenda ás cos-
(tas.

A

(*) Campo de S. Braz, onde os Sebastia-
nistas esperão a grande victoria do seu Encu-
berto.

A morte de Buonaparte.

S O N E T O.

DE *profundis clamavi*, assim se explica
Imperador Napoleão Primeiro,
Que sendo já da Morte presioneiro,
Lhe queria escapar por pelotica:

Já delle descansado o Mundo fica,
Onde andou ás marradas por matreiro,
Algoz em tyrannia sem parceiro,
Para pôr seus Irmãos todos á bica:

He este o Heróe, que alli jaz abatido,
Destruidor de Villas, e Cidades,
Que só pelo terror se fez temido;

Homem fonte de crimes, e impiedades,
Monstro o maior que tem apparecido
Em todo o mundo, em todas as idades.

Mente.

Ad.

V. de A. B. L.

Advinhação.

DE nada subi a muito,
E de muito em nada estou:
Fui como a ran vendo o boi,
Que inchou tanto que estoirou:

Depois que corri ávante,
Dei passos de caranguejo,
E sem nunca me fartar
Do que farta hum perçovejo:

Em certo jôgo fiz vasas;
Mas por fim faltou-me o encarte;
Advinhem quem eu sou...
Já..... de pressa.....

Vis-

Visto que no mesmo anno em que morreo Napoleão na Ilha de Santa Hellena, morrerão as Legiões em Portugal; não achei desacertado o terem tambem suas exequias nestes tres Sonetos.

SONETO I.

Morrêrão sim senhor, ninguê duvida,
Todas as Legiões, e de repente,
Deixando o desengano a toda a gente,
De que tudo caduca nesta vida:

Esta tropa ora mança, ora aguerrida,
Que fez muita fachina diligente,
Só do posto de Chefe ao de Tenente
He que desta desgraça está sentida:

A final acabárão, quem dissera,
Quê por não haver guerra, e termos pazes
Scena tão desastrosa succedêra!

Quem farda, e guarnições tiver capazes
Venda-as para suffragios; que lhe espera?
Ou faça della calças aos rapazes.

SO

S O N E T O II.

DE antigas Ordenanças Ajudante,
A sério Capitão fui promovido,
Nas Legiões do Reino destemido,
Que em defender-se se mostrou constan-
te:
Fizerão-me Major, e Commandante,
E sempre em postos taes bem succedido;
Porque nunca matei, nem fui ferido,
No reducto de lenhas abundante:

Morre este Corpo agora na revista,
Parecerei espectro furibundo!
Huma vez que em vestir a farda incista:

Lance-se a farda de hum caixão no fundo,
Que ao ver-me bradará certo exorcista,
Dize quem és ó alma do outro Mundo!

S O-

S O N E T O III.

MOrreo Napoleão , que deo motivo
Aos fortes dos suburbios da Cidade ,
E estes do sol , da chuva , e tempestade
Forão desfeitos com poder activo :

Tudo tornou em gráo diminutivo ,
Do tempo a natural voracidade ;
E a traça sem respeito , sem piedade ,
Fardas das Legiões tornou n'hum crivo :

Restavão casacões , bandas , espadas ,
De passados ataques monumentos ,
Que hoje serão vendidas , ou guardadas ;

Tudo acabou , revista , alistamentos !
Muitas graças , Senhor , vos sejam dadas !
Por descansar des cabos , e sargentos .

Ven-

Vende-se por 80 réis nas lojas seguintes : Na de Antonio Pedro na rua do Oiro. Na de Antonio Manoel Policarpo da Silva na rua dos Capellistas. Na de João Henriques no principio da rua Augusta. Na de Francisco Xavier de Carvalho defronte da rua de S. Francisco. Na de Matos na mesma rua. Na da Viuva , e Filhos de Luiz José de Carvalho aos Paulistas. Na de Costa a Santos Velhos. Na de Caetano Machado na rua da Prata. Em Belém: Na da Viuva de José Tiburcio. E no Porto na loja de Paiva e Irmãos.

Nestas mesmas lojas se vende = Portugal convalescido, = e a Thesoura da crítica do mesmo Author.